

total. Nada, de nada serviria. Ambos continuavam em seus lugares; ela embaixo, espiando para cima; ele a olhar a comadre, sem sair do seu canto, sem arredar pé, arisco que só ele mesmo.

— Desça, venha ver. Está com medo? Eu sei ler, mas se você não sabe . . .

Não pôde terminar a frase porque na sua direção vinha o cachorro na disparada mais danada do mundo. Vinha feito em cima do lugar onde os dois amigos estavam conversando tão cordialmente. Diante daquele vulto insólito e disposto à violência, língua e dentes de fora, a raposa por sua vez disparou, pernas para que te quero, ganhando a capoeira num carreirão desabalado, desses de levantar poeira e fazer nuvem. Atrás seguia o cachorro no seu encaço, pega não pega. É quando o galo se lembra de gritar com toda a força de seus pulmões numa voz estridente:

— Comadre raposa, mostre o decreto a ele. Você não disse que as inimizadas se acabaram? Mostre o decreto a ele. Pare de correr tanto, mostre o decreto, comadre.

Ademar Vidal.
João Pessoa, Paraíba.

Nota — Téofilo Braga incluiu a versão portuguesa, do Airão, a Raposa e o Galo (248º, 11. c, pág. 173 de Contos Tradicionais do Povo Português), O Galo, vendo a Raposa perseguida por uma matilha, grita-lhe: Mostre-lhe a ordem! Mostre-lhe a ordem! É a conhecida Le Coq et le Renard, XV das "Fables" (Livre Deuxième), de La Fontaine. No livro The Types of the Folk-Tale, pág. 29, Antti Arne e Stith Thompson registam sob n.º 62, Peace among the Animals, the Fox and the Cock. O conto n.º 225 da coleção do prof. Espinosa, El gallo y la zorra, colhido em Santiponce Sevilla, Espanha, termina a raposa fugindo ao galo, e dizendo: Ya me voy, que pue que a qué no entienda bien la orden.

El libro de las Mil Noches y una Noche — trad. de Dr. G. C. Mardrus — Versão de Viscente Blasco Chaffes — XVII, 61-68 — invitacion á la paz universal (Prometeu Soc. Editorial Germanias. F. S. Valencia. s. d.) 795-796 noites.

O CÁGADO E O TEIÚ

Foi uma vez uma onça que tinha uma filha. O teiú queria casar com ela e o amigo cágado também. O cágado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teiú para nada valia e que até era o seu cavalo. O teiú, logo que soube disto, foi à casa da comadre onça e asseverou que ia buscar o cágado para ali e dar-lhe muita pancada à vista de todos e partiu.

O cágado, que estava em casa, quando o avistou de longe, correu para dentro e amarrô um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teiú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o cágado deu muitas desculpas dizendo que estava doente e não podia sair de pé naquele dia. O teiú teimou muito: "Então, disse o cágado, você me leva montado nas suas costas". "Pois bem, sim, respondeu o teiú, mas há de ser até longe da porta da amiga onça". "Pois bem, mas você há de deixar eu botar o meu *cangulinho* de sela, porque assim em osso é muito feio". O teiú se maçou muito e disse: "Não, que eu não sou seu cavalo!" "Não é por ser meu cavalo, mas é muito feio". Afinal o teiú consentiu. "Agora, disse o cágado, deixe botar minha *brida*". Novo barulho do teiú e novos pedidos e desculpas do cágado, até que conseguiu pôr a brida no teiú e munir-se do mangual, esporas etc.. Partiram; quando chegaram em um lugar muito longe da casa da onça, o teiú pediu ao cágado que descesse e tirasse os arreios, senão era muito feio para ele ser visto servindo de cavalo. O cágado respondeu que tivesse paciência e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incomodado e não podia chegar a pé. Assim foi ganhando o teiú até à porta da casa da onça, onde ele meteu-lhe o mangual e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: "Olha, eu não disse que o teiú era meu cavalo? Venham ver!" Houve muita risada e o cágado vitorioso, disse à filha da onça: "Ande, moça, monte-se na minha garupa e vamos casar". Assim aconteceu com grande vergonha para o teiú.

Sívio Romero — "Contos Populares do Brasil", pág. 144.
Belo Horizonte, 1985.

Nota — O conto que se passa entre o cágado (tartaruga terrestre) e o Teiú (Tupinambis tequixín) é muito popular em todo Brasil, substituindo-se a comparceria. Conheço o episódio entre a Onça e o macaco. As origens são africanas em sua maioria absoluta. Nina Rodrigues transcreve um conto de A. Ellis ("The Yoruba — Speaking Peoples of Slave Cost of West Africa",

A raposa enrolou o rabo na árvore e disse:

— Bota ou não bota?

— Não boto, sua miserável, que comeu meu filhinho, tão bonito e querido!

Aí, a raposa disse:

— Ah! já sei quem te ensinou isto: foi o canção! Deixe estar que ele me paga!

José Carvalho. "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", pág. 85. Belém do Pará — 1930.

Nota — Essa história ouviu-a José Carvalho no sertão do Ceará, terminando-a pela raposa prender o canção e este livrar-se, sugerindo que a raposa diga qualquer palavra de júbilo pela vitória. Ver "A Raposa e o Canção". Idêntica é a história que o prof. Aurélio M. Espinosa recolheu em Toro, Leon, Cuentos Populares Españoles, II, n.º 258, ag. 493. Um resumo: — La Pega á sus Peguitos. Habia una vez una pega que vivia en un ponjo donde tenía un nido con varios peguitos. Todos los dias venia un zorro y le decia a la pega:

— Peguita, dame un peguito,
Que si no, te corto el ponjo.

La pega, con grande dolor de su corazón le tiraba del ponjo un peguito y el picaro del zorro se lo comia. Ya el zorro acababa con los peguitos cuando llegó un día a visitar a la pega su primo, el alcaraván. Cuando éste se enteró de lo pasaba de dijo a su prima, la pega: — Si el zorro viene otra vez no le des un peguito. Y si te dice que te corta el ponjo le dices tú:

— El hocil sí corta el ponjo,
pero no el rabo (d) el raposo.

A pega assim fez, livrando os filhos da voracidade do raposo e, furioso, atinou que o con-selho viera do alcaravão. Conseguiu segurá-lo mas este fugiu pelo mesmo processo do Canção nordestino no Brasil.

Leo Frobenius, no "African Genesis" (seleção por Douglas C. Foz, New York, 1937) entre os Kaby! Folk Tales, regista o episódio entre the Jackal and the Len, o chacal e a galinha. O chacal comia os pintos, ameaçando a galinha de subir no alto de uma rocha escarpada onde havia o ninho. Uma águia aconselhou a galinha que desafiasse o chacal a cumprir a promessa. No outro dia houve a mesma cena e o chacal ficou desmoralizado, pág. 83. Nos contos das cabilas o agres-sor foi castigado. A águia levou-o no dorso para o país da abundância em pintos, e atirou-o de uma altura imensa. The jackal prayed to God: — Let me fall in water or on a pile of straw. But the jackal fell on a rock and died.

A ONÇA E O BODE

O Bode foi ao mato procurar lugar para fazer uma casa. Achou um sítio bom. Roçou-o e foi-se embora. A Onça que tivera a mesma idéia, chegando ao mato e encontrando o lugar já limpo, ficou radiante. Cortou as madeiras e deixou-as no ponto. O Bode, deparando a madeira já pronta, aproveitou-se, erguendo a casinha. A Onça voltou e tapou-a de taipa. Foi buscar seus móveis e quando regressou encontrou o Bode instalado. Verificando que o trabalho tinha sido de ambos, decidiram morar juntos.

Viviam desconfiados, um do outro. Cada um teria sua semana para caçar. Foi a Onça e trouxe um cabrito, enchendo o Bode de pavor. Quando chegou a vez deste, viu uma Onça abatida por uns caçadores e a carregou até a casa, deixando-a no terreiro. A Onça vendo a companheira morta, ficou espantada:

— Amigo Bode, como foi que você matou essa Onça?

— Ora, ora . . . Matando! . . . Respondeu o Bode cheio de empáfia. Porém, insistindo sempre a Onça em perguntar-lhe como havia matado a companheira, disse o Bode:

— Eu enfiei este anel de contas no dedo, apontei-lhe o dedo e ela caiu morta. A Onça ficou toda arrepiada, olhando o Bode pelo canto do olho. Depois de algum tempo, disse o Bode:

— Amiga Onça, eu lhe aponto o dedo . . .

A Onça pulou para o meio da sala, gritando:

— Amigo Bode, deixe de brinquedo . . .

Tornou o Bode a dizer que lhe apontava o dedo, pulando a Onça para o meio do terreiro. Repetiu o Bode a ameaça e a onça desembainhou pelo mato a dentro, numa carreira danada, enquanto ouviu a voz do Bode:

— Amiga Onça, eu lhe aponto o dedo . . .

Nunca mais a Onça voltou. O Bode ficou, então, sozinho na sua casa, vivendo de papo para o ar, bem descansado.

J. da Silva Campos: — "Contos e Fábulas Populares da Bahia", pág. 166, in "O Folk-Lore no Brasil". Basílio Magalhães. Rio de Janeiro, 1928.

Nota - Conheço apenas uma versão de Costa Rica, "De cómo el tío Conejo salió de un apuro", de Carmen Lyra, *Los cuentos de mi tía Panchita*, pág. 123, onde o coelho se disfarça como a raposa, tomando o título sonoro de Hojarascal del Monte, para afastar o tigre que guardava ciumentamente a bebida única, *un yurro con una miseritica de água*. A origem será euro-péia, visivelmente. Couto de Magalhães, "O Selvagem" (vol. 16 da Coleção Reconquista do Brasil, 1975), divulga, no ciclo da Raposa, *Momeucaua Micura Receuára*, XX, pág. 129, aventura inteiramente idêntica. A Raposa, quando a Onça lhe pergunta quem é, responde: - *Ixé cõo calia xirica*, eu sou o bicho folha-seca. A tradução do general Couto de Magalhães assim diz: - "A raposa estava outra vez com muita sede, bateu um pé de sorveira, lambuzou-se bem na resina, espojou-se sobre folhas secas, e foi para o poço. A onça perguntou: - Quem és? - Sou o bicho Folha Seca. A onça disse: - Entra água, sai e depois bebe. A raposa entrou, seu disfarce não bobou, porque a resina não se derreteu dentro d'água; saiu, e depois bebeu e assim sempre até chegar o tempo da chuva". Que o motivo estivesse diluído entre os tupis ouvidos pelo general de Couto Magalhães, vindo de Espanha-Portugal, ou se desse o contrário, não há elemento decisivo para opinião atual, assim como apontá-lo figurando, idêntico, nos Folciores africanos. Na lenda XIX a raposa emprega o mel (*ira*) para prender as folhas secas, pág. 129. No mesmo conto de Gustavo Barroso, transcrito por mim, há o episódio em que a Raposa pergunta se a Onça, que se finge morta, já espirrou, pois sua avó quando faleceu espirrara três vezes. A Onça, confiada espirrou, e a Raposa fugiu. A lenda XXI "O Selvagem", pág. 129 registra o mesmo. A Raposa, vendo a Onça deitá-la, imóvel, pergunta aos animais se a falecida já arrotou. *Ceramúia amira, omano ana ramé, opinu muçapirai*, meu finado avô, quando morreu, arrotou três vezes. A Onça arrotou e a Raposa gargalha, vocês já ouviram quem morreu arrotar? E fuge. O problema é o mesmo.

Chandler Harris narra identicamente, Uncle Remus, XI. Mr. Rabbit pergunta se o Lobo, Brer Wolf que se finge morto, já fez *wahoo!* O Lobo grita: - *Wahoo!* O coelho fuge. No folclore do norte-argentino, *Água que habita no bebo io!* Rafael Cano, Del Tiemplo de Naupa, 209, Buenos Aires, 1930, e na coleção de Orestes di Lullo, *El zorro y el tigre*, opus cit., 259. Há também a prova da morte real se o defunto fizer o *supe* correspondendo ao *opinu* tupi.

O "folharal" brasileiro reaparece no don Jarasquin del Monte, *Stories and Songs from Mexico*, William Hubbs Mechling, *Jafí*, XXIX, 553.

O MACACO E A NEGRINHA DE CERA

O macaco saía todos os dias vendendo mingau para ter o seu vintém para comprar o seu confeito. Então, tinha uma onça que era sua freguesa. Um belo dia, o macaco o que fez? Preparou uma panela botou *porcaria* dentro, cobriu a panela com uma toalha bem alva e saiu por ali a fora, com a panela na cabeça. Foi direitinho à casa da moça. Quando chegou lá, que a moça foi se aproximando com a tigela para botar o mingau, ele derramou a *porcaria* em cima dela, deu um pinote e desembandeirou pela rua, *nas carreiras*; - *qui-qui-qui, qui-qui-qui* . . . A moça ficou toda suja, toda *lambuzada* e, muito furiosa, disse:

- Deixa-te estar, macaco, que eu te pego.

Mandou fazer uma negrinha de cera, com um cachimbo na boca e botou-a na porta da rua. Tempos depois, passando o macaco pela casa da moça, viu a negrinha. Chegou junto dela e disse:

- Negrinha, me dá uma fumaça do teu cachimbo?

A negrinha calada.

- Negrinha, me dá uma fumaça do teu cachimbo, senão eu te dou uma bofetada.

A negrinha não respondeu e ele, - *pá . . .* -, deu-lhe uma bofetada, ficando com a mão presa na cera.

- Negrinha, solta a minha mão, senão eu te dou outra bofetada.

A negrinha calada. Ele aí deu-lhe outra bofetada, ficando com a outra mão presa.

- Negrinha, solta as minhas mãos, senão eu te dou um pontapé.

Deu um pontapé e ficou com o pé preso na cera. Deu outro pontapé, ficando com os dois pés presos. Por fim, deu uma cabeçada, ficando com a cabeça também segura. Então a moça mandou agarrá-lo e matá-lo, para comer.

Quando o estavam matando, ele pegou a cantar:

- *Me mate devagar*
Que me dói, dói, dói.
Nhen, nhen, nhen,
Foi menina que eu vi.

O mesmo fez quando o esfolaram, quando o cortaram aos pedaços para botar na panela, quando o mexeram e quando o puseram no prato. Porém a moça sem se importar com coisa nenhuma, sentou-se à mesa e pôs-se a comê-lo. E o macaco cantando:

— *Me coma devagar, etc.*

Assim que a moça se levantou da mesa, o macaco começou a dizer dentro da barriga dela:

- Quero sair . . .
- Saia pelos ouvidos.
- Não saio pelos ouvidos, que tem cera, tornou o macaco. Quero sair . . .
- Saia pela boca.
- Não saio pela boca que tem *cuspe*. Quero sair . . .
- Saia pelo nariz.
- Não saio pelo nariz, que tem catarro. Quero sair . . .
- Saia pelo *vintém*.
- Não saio pelo *vintém*, que tem *macrição*.

Afinal deu um estouro, arrebatando a barriga da moça que caiu morta e saiu por ali a fora, danado, assoviando: *fi, fi, fi-fi-fi* . . .

João da Silva Campos: — “Contos e Fábulas Populares da Bahia”, pág. 180. “O Folk-lore no Brasil”, Basílio de Magalhães. Rio, 1928.

Nota — Essa história, que Silva Campos ouviu contada pelos negros do recôncavo baiano, é uma interessante convergência de dois temas populares em vários folclores. Conheço outro exemplo da união de dois motivos. Muitas vezes também ouvi contar, separadamente os dois contos: — a prisão do macaco pelo boneco de cera e a morte de quem comeu uma carne (peixe, coelho, veado) encantada. A outra versão é a de Sívio Romero. O boneco de cera é o *tarbaby*, de universal presença nos folclores. O prof. Aurélio M. Espinosa, da Universidade de Stanford, U. S. A. reuniu 311 versões do *tarbaby*, da Índia, Lituânia, Espanha, América Espanhola (35), Cabo Verde, Brasil, Pequenas Antilhas, Guiana Holandesa, indígenas do Rio Orenoco, América do Norte, Filipinas, África (26), Ilha Maurício, anglo-africanas, dos negros americanos, Antilhas Inglesas. O prof. Espinosa recusa a fonte africana e é partidário da origem oriental. O boneco de cera provavelmente virá da *Jataka* 55, velha de quase dois mil anos, publicada por E. B. Cowell, “The Jataka or Stories of the Buddha’s Births”. O Bodhisatta foi vencido por um gigante que tinha o pélo pegajoso. O herói bateu-lhe com as mãos, os pés, a cabeça, ficando preso inteiramente. O ogre perdeu a vida. O prof. Espinosa lembra que a lebre, o coelho, são personalizações do Bodhisatta. Setenta e cinco por cento das histórias do *tarbaby* trazem o coelho (Rabbit) como o personagem. Assim constitui o Mt. 175 de Aarne-Thompson, *The Tarbaby and the Rabbit*. A história ainda corre entre os africanos Kaffir, Rodésia, Hotentotes, etc.. Sobre o assunto, prof. Espinosa: — “Notes on the Origin and History of the Tar-Baby Story”, Journal of American Folk-Lore, tomo XLIII, 168 (1930), “European Version of the Tar-Baby Story”, Folk-Lore (Londres, vol. XL, n.º III, setembro de 1929), “Sobre los orígenes del Cuento del Muñeco de Brea”, separata do Boletim de La Biblioteca Menéndez y Pelayo, Santander, 1931, “More Notes

on the Origin and History of the Tar-Baby Story”, Folk-Lore, (Londres) vol. XLIX, junho de 1938, etc.. A primeira versão no idioma inglês é a de Joel Chandler Harris, em 1880, “Uncle Remus, His Songs and His Savings”, no conto “*Wonderful tar-baby story*”, entre a raposa e o coelho, onde há também o episódio do *Sapo com medo d’água*, da literatura oral brasileira. Vinte e três anos antes, em 1857, August Schleider publicava em Weimar uma coleção de contos da Lituânia (“Litauische Marchen”) onde aparece um cavalo coberto de breu para prender, como realmente prende, a uma feiticeira. No “More Notes” (Londres, Folk-Lore, Volume XLIX, junho de 1938) o prof. Espinosa publicou um esquema gráfico do percurso do tema, irradiando-se na Índia (pág. 180). O dr. W. Norman Brown tem publicado ensaios sobre o *Tarbaby*, dizendo-o africano. Ver “The Tar-Baby Story at Home”, Scientific Monthly, XV, 227-33, 1922, e “The Stickfast Motif in the Tar-Baby Story”, Twenty-Fifth Anniversary Studies, Philadelphia Anthropological Society, 1937. A versão brasileira do *Tarbaby* que Sívio Romero registou no seu “Contos Populares do Brasil” tem o nome de “O Macaco e o Moleque de cera”, ouvida no Estado de Sergipe. O animal (ave ou peixe) que fica falando ou cantando quando é apanhado, cozido, devorado e ainda fala no ventre da mulher, rebentando-a e voltando, intacto, a viver, é outro tema igualmente popular. Silva Campos (pág. 209-110, conto XXVIII). “O Rei dos Passaros”, narra o episódio de um caçador que encontrou um pássaro muito bonito que cantou, pedindo que não o matassem. O caçador matou-o. Foi depená-lo e o pássaro cantou que não o depenassem. Cortou-o em pedaços e o pássaro cantou pedindo que não o cortassem. Colocaram-no na panela, puseram-no no prato, comeram-no e sempre o pássaro cantando e pedindo. Finalmente estourou e o homem caiu morto. Arthur Ramos (“O Folk-lore Negro do Brasil”, pág. 185, Rio, 1935) reconheceu uma variante das Lagoas. Depois de ingerido, o pássaro sai durante a defecação, acompanhado por uma porção de diabinhos pretos, pulando e cantando. Heli Chatelain (“Folk-Tales of Angola”, conto IV, pág. 82) registra a história *Muhatu, Uasema Mbiji*. A mulher que desejava peixe, de Luanda, O peixe apanhado, canta em todas as ocasiões e devorado, pergunta por onde deverá sair. Saia por onde quiser, disse por fim a mulher. O peixe saiu, rebentando a mulher pelo meio. O Padre dr. Constantino Tastevin, em carta de 12-XI-1935, em Paris, informava-me haver publicado na revista “Les Recherches Congolaises” um conto que ouvira entre os negros Ba Kamba, da margem esquerda do Nyari, altura de Mandiga, Congo-Oceano, entre Point-Noire e Brazavile. É o mesmo tema sendo o macaco, o coelho, o peixe substituídos por um antílope. O animal cantou todo o tempo, durante todas as operações e quem o comeu morreu. Jogaram o resto no mato e o antílope reconstituiu-se e desapareceu. Dizia-me o Pe. Tastevin, professor de Etologia do Instituto Católico de Paris: “Essa fábula é encontrada — equivalente — em toda esta região. Os negros creem que os maus viram antílope, elefante, etc., depois da morte, mas são animais encantados”. As duas versões brasileiras, a de Sívio Romero e a de Silva Campos, idênticas, mostram a interessante fusão de dois temas, a do *tarbaby* com o animal sacrificado e vingativo, distintos noutros continentes. Incluo uma outra versão brasileira, de Minas Gerais, que o prof. Lindolfo Gomes publicou no seu “Contos Populares”, 1.º pág. 82, “O Macaco e a Velha”, onde há convergência do boneco de cera e do animal vingador. Em Portugal, o episódio é denominado “Homem de Visgo” e pertence ao ciclo de Pedro Malazartes, segundo J. Leite de Vasconcelos, “Tradições de Portugal”, pág. 294-195, “Pedro Malazartes e o homem de visgo”, Porto, 182. Há uma curiosa modificação numa variante brasileira do Amazonas, que o barão de Sant’Ana Neri registou no seu “Folk-Lore Brésilien” (Paris, 189, pág. 208). O macaco, grande ladrão de banana, é preso pela mulher porque esta cobriu as frutas com resina. Não há o boneco. Sant’Ana Neri registou o “Tarbaby” clássico, n.º 8. O prof. Espinosa recolheu uma versão em San Esteban de Muñana, Avila, “Sansón”, 35.º, tomo-I, pág. 80. Sansão, gigantesco, comilão e bruto, foi preso por um *hombre de pez*. (Cuentos Populares Españoles). O prof. Aurélio M. Espinosa, da Stanford University, reuniu 318 versões deste conto. Ver minhas notas ao conto de Sívio Romero, “O macaco e o moleque de cera”, *Contos Populares do Brasil*, 175-176, Belo Horizonte 1985. Coleção Reconquista do Brasil, vol. 87.